

MARX E A IDEOLOGIA — OU A IDEOLOGIA DE MARX

por
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA*

Résumé

Idéologie est un concept considéré fondamental dans la théorie sociale marxiste. Cet essai a pour objectif de faire une analyse critique de l'utilisation du terme pour Karl Marx. Il l'a apparemment utilisé avec plusieurs significations, sans pour autant avoir essayé de le définir.

* Este texto foi originalmente escrito em inglês em 1978, como parte de uma tese de doutoramento. Traduzido agora para português, o autor não lhe fez alterações. Se o debate sobre o problema da ideologia continua e a bibliografia segue aumentando em grande ritmo, nada de novo ou interessante tem sido acrescentado sobre o caso específico do uso da ideologia em Marx que viesse alterar os argumentos aqui desenvolvidos. Se porventura esta afirmação parecer demasiado pretensiosa e peremptória, recomenda-se a leitura de obras recentes que abordam directamente a questão: Jorge Larrain, *The Concept of Ideology* (Athens: University of Georgia Press, 1979); D.J. Manning, ed., *The Form of Ideology* (London: George Allen & Unwin, 1980); John Mepham and David-Hillel Ruben, eds., *Epistemology, Science, Ideology*, vol. 3 of the series *Issues in Marxist Philosophy* (Sussex: The Harvester Press, 1979); John B. Thompson, *Studies in the Theory of Ideology* (Berkeley: University of California Press, 1984); C. Patten, eds., *Marx and Morality*, (Suplemento especial do volume VII do *Canadian Journal of Philosophy*, 1981); Paul Ricoeur, *Lectures on Ideology and Utopia* (New York: Columbia University Press, 1986); Olivier Reboul, *Langage et Idéologie* (Paris: Presses Universitaires de France, 1980); Terry Eagleton, *Ideology. An Introduction* (London: Verso, 1991); David McLellan, *Ideology* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986). Mas basta uma leitura superficial de Sakari Hanninen and Leena Paldán, *Rethinking Ideology: A Marxist Debate* (Berlin: Argument-Verlag, 1983), em que participam conhecidos teóricos marxistas como Ernesto Laclau, Michel Pécheux e Göran Therborn, entre tantos outros, para se verificar que a afirmação acima feita nada tem de extraordinário.

On prétend démontrer ici que Marx n'a jamais été conscient des implications possibles de ce concept (ou, de toute façon, il n'a jamais fait preuve d'en avoir conscience), tout particulièrement de l'impossibilité de fonctionnement d'une communauté humaine en dehors des paramètres d'une idéologie. Par conséquent, le marxisme perd son point critique d'appui, c'est-à-dire il perd le point d'Archimède où repose toute la structure de sa critique de la société.

Dans un corollaire de cette analyse, on mentionne que Lenine se rapportait au marxisme en tant qu'idéologie. Lui non plus n'a pourtant pas défini les conséquences de son utilisation du terme puisque, comme Marx, il croyait que le point de vue prolétarien n'était pas idéologique mais qu'il était le seul moyen possible de comprendre l'évolution de l'Histoire humaine.

Abstract

Ideology is considered to be a key concept in Marxist social theory. This essay aims at surveying critically Marx's use of the term. It appears that Marx used "ideology" in a variety of senses, and without ever attempting a definition of the word. Actually, Marx never seemed to perceive the full implications of the concept, namely that one cannot function outside the parameters of an ideology. When this is understood, Marxism loses its "critical edge", one which supposedly gave it a privileged Archimedean point where the whole structure of its criticism of society finds support.

In a corollary to this analysis it is mentioned that Lenin spoke of Marxism as ideology. Nevertheless, he also did not draw the consequences of such usage because, like Marx, he took for granted that the proletarian point of view was not ideological, but the only way to understand the works and schemes of society.

"Ideologia é considerado como um dos mais originais e abrangentes conceitos introduzidos por Marx, sendo no entanto um dos mais complexos e obscuros."¹ Em parte alguma se encontra a tentativa de

¹ Henri Lefebvre, *The Sociology of Marx*. Trad. Norbert Guterman (New York: Random House, 1969), p. 59.

definição precisa do termo por Marx; e contudo utiliza-o profusamente. Ele conheceu o uso da palavra, por Destutt de Tracy, designando uma disciplina descritiva — a ciência das ideias — e estava também suficientemente familiarizado com a situação política francesa para ter conhecimento da mudança de significado da palavra, na acepção que Napoleão lhe atribuiu. Aparentemente toda a gente concorda que é esse sentido, o adoptado por Napoleão, derogatório e pejorativo, que prevalece nas obras de Marx sempre que emprega a expressão ideologia ou outras com ela relacionadas.

Marx cunhou o novo sentido da palavra com a conotação depreciativa que Napoleão lhe conferia, e usa-a em contextos que reflectem mudança e alargamento de perspectiva. De facto, como diz H.M. Drucker, "para todos os efeitos, a carreira da ideologia começa com Marx."²

Dado que para os nossos objectivos basta detectar o significado mais comum, tal como se revela em diferentes contextos, não será necessário levar demasiado longe a análise das controvérsias entre vários intérpretes dos textos de Marx. Contudo eu farei naturalmente uma abordagem dessas questões, porque isso permitirá eventualmente o destaque das facetas mais comuns do conceito.

As contrário de muitos autores, que enveredaram por penosos argumentos e explicações para libertar Marx de possíveis ambiguidades ou até confusões, Norman Birnbaum declara francamente:

² H.M. Drucker, "Marx's Concept of Ideology", *Philosophy* (1972), p. 152. Allan Swingewood escreve: "Atribui-se frequentemente ao marxismo a descoberta do moderno conceito de ideologia, ao relacionar tipos específicos de pensamento com determinadas condições sociais, políticas e económicas, e ao mostrar como a base material da sociedade gera necessariamente uma super-estrutura de ideias e valores." *Marx and Modern Social Theory* (London: Mac-Millan Press, 1975) pg. 59.

Pode tratar-se de mera distração por parte de Swingewood, ou é possível que esteja correcto quando afirma que se atribui ao marxismo o crédito da "descoberta do conceito de ideologia". Pode ser isso, mas Swingewood deveria ter comentado este aspecto. Com efeito, é minha convicção que nenhuma teoria do conhecimento aceitaria expressões como "descoberta de um conceito". Pelo menos, no caso particular descrito na referida expressão, não se trata de "descoberta", nem mesmo de "criação" duma palavra para referir um conceito. O termo já existia antes. Marx usa-o para referir algo diferente: um fenómeno, uma relação, um processo, ou um mecanismo que ele "descobriria" ocupar lugar na existência social do Homem.

Em diferentes momentos Marx sustentou diferentes perspectivas do problema, e em nenhum ponto a sua teoria da ideologia se apresenta liberta de, no mínimo, uma certa tendência para a auto-contradição. Muitas das confusões na moderna discussão de ideologia podem ficar a dever-se, em parte, a uma insuficiente apreciação da natureza problemática da posição em que Marx se situa... O conceito de ideologia em Marx não é, em primeira instância, um conceito empírico; é antes de natureza filosófica. A noção marxista de ideologia só pode ser entendida em termos das noções, com ela relacionadas, de *alienação*, *mistificação* e *coisificação*.³

Bertell Allman também pretende ter encontrado uma variedade múltipla do uso desta palavra nos textos de Marx,⁴ e apoia o seu ponto de vista na referência a G. Gurvitch, que supostamente identifica treze diferentes significados desta palavra em Marx.⁵

Aqueles que defendem múltiplas significações parecem no entanto concordar que podem ser reduzidas apenas a duas. Mas antes de

3 Norman Birnbaum, *Toward a Critical Sociology* (Oxford: Oxford University Press, 1971) p. 6

4 "Ideologia... refere-se por vezes a todas as ideias, noutros casos a ideias normativas, e outras, consideradas não-científicas, e, algumas vezes, a essas ideias só na medida em que servem interesses de uma classe". *Alienation. Marx's Conception of Man in Capitalist Society* (Cambridge: Cambridge University Press, 1971) p.6

5 Gurvitch escreve: "Parece-me incontestável que, no pensamento de Marx, o sentido do termo 'ideologia' permanece flutuante. Eu distinguiria treze significados diferentes que só muito parcialmente se cruzam". *Études sur les classes sociales* (Paris: Éditions Gonthier, 1966) p. 54. Ele prossegue então apresentando as treze diferentes significações. Contudo, só oito podem ser encontradas nos textos de Marx. O parágrafo supra-citado é enganador, uma vez que após o "significado número 8" Gurvitch diz: "Nos neo-marxistas - particularmente em Sorel, Mannheim, etc. e nos marxistas freudianos, como Horney e outros - cinco novos sentidos vêm juntar-se aos que acabo de enumerar" (p. 55). Ollman não parece ter lido os diversos significados e deve ter-se contentado com a afirmação introdutória. Além disso, a sua declaração de que Gurvitch "é capaz de fornecer provas corroboradoras" (p. 6) desses diferentes significados, é muito estranha, já que Gurvitch não refere de facto nenhum dos textos de Marx, onde esses vários sentidos seriam encontrados. Talvez sejam todos realmente exactos, mas ninguém poderá dizer que Gurvitch "fornece provas de apoio". Acrescente-se que uma das supostas variantes do "labirinto de significações do termo 'ideologia'" (p. 56) será discutida e analisada de perto no final deste capítulo.

observarmos o debate, deveríamos talvez olhar de relance as referências directas ou indirectas de Marx a "ideologia". Uma breve visão de conjunto facilitará a nossa compreensão dos debates.

Para começar, qualquer espécie de definição do termo por Marx seria muito útil. Buscas nesse sentido serão contudo goradas, já que Marx não o define, nem sequer se aproxima de uma definição, mesmo incompleta. Na verdade, só indirectamente podemos deduzir a significação da palavra. É partindo das suas acusações dirigidas aos ideólogos, e através dos exemplos que cita, que podemos inferir com certa aproximação o que Marx tinha em mente. Paradoxalmente, o que mais se aproxima de uma definição marxista de ideologia não se encontra no que o próprio Marx escreveu, ou no que escreveu em colaboração com Engels - *A Ideologia Alemã*, por exemplo — mas em Engels:

Ideologia é um processo realizado pelo pensador, conscientemente de facto, mas com uma falsa consciência. Os motivos reais que o impelem permanecem desconhecidos para ele, caso contrário não se trataria de modo nenhum de um processo ideológico.⁶

A expressão "falsa consciência" passou a ser firmemente associada ao conceito marxista de ideologia e, apesar do facto de — ao que parece — Marx nunca a ter usado, é frequentemente referido como tendo sido ele a cunhá-la.⁷

Aliás, como afirma Seliger:

No que respeita à sua concepção de pensamento ideológico, isso não faz qualquer diferença, uma vez que, em vez

6 Carta a Franz Mehring, Karl Marx e Friedrich Engels, *Basic Writings on Politics and Philosophy*. Ed. por Lewis S. Feuer (Garden City, Nova Iorque: Doubleday & Co., 1959).

7 John Plamenatz, por exemplo, escreveu: "Não é possível encontrar-se nos textos de Marx uma descrição clara de lei ou moralidade, e muito menos de ideologia. Ele não oferece definições precisas destes termos, e não explica como entre si se relacionam. Mas diz, efectivamente, acerca da ideologia que é uma "falsa consciência". *Ideology* (Londres, Mac Millan e Co., 1971) p. 79. Ou: "Marx muitas vezes apelidou a ideologia de 'falsa consciência'" (p. 23). No entanto, Plamenatz nunca diz realmente onde.

de falsa, Marx usou expressões como incorrecta, deturpada, não-verdadeira, abstracta, etc. Podemos, por consequência, tomar como legítima a expressão falsa consciência para significar como a definição de Engels de 1893 traduziu o ponto máximo a que estes dois homens chegaram, separadamente ou em conjunto, na sua caracterização do pensamento ideológico⁸

Mas examinemos primeiro os textos. É em *A Ideologia Alemã* que Marx e Engels usam a palavra, para classificar e pôr de parte toda uma tradição de pensamento, "um casamento entre filosofia e história, consumado na Alemanha"⁹. Na altura em que escreveram esta obra, tinham amadurecido a sua abordagem histórico-materialista da história e, nos termos do seu novo paradigma, viam os homens como tendo "constantemente inventado para si próprios falsas concepções sobre si mesmos, sobre o que são e o que deveriam ser".¹⁰ Escrevem este livro contra as "fantasias inocentes e infantis" que "são o cerne da moderna filosofia jovem-Hegelian", facto que "é anunciado pelos heróis filosóficos com a solene percepção do seu perigo cataclísmico e criminoso crueldade."¹¹ Os objectivos são claramente especificados no prefácio, e deles emerge directamente a tese principal:

O primeiro volume da presente publicação tem a finalidade de revelar essas ovelhas, que se tomam ou são tomadas por lobos; como os seus balidos meramente imitam, sob uma forma filosófica, as concepções da classe média alemã; como a jactância destes comentadores filosóficos apenas reflecte a miséria das reais condições na Alemanha.

⁸ Martin Seliger, *The Marxist Conception of Ideology. A Critical Essay*. (Cambridge: University Press, 1977), p. 30-31. Seliger faz notar que alguns investigadores mantiveram que Engels usou a expressão "falsa consciência" só após a morte de Marx.

⁹ John Plamenatz, *Op. cit.* p. 32.

¹⁰ Karl Marx e Frederick Engels, *The German Ideology*. 1ª parte, com trechos seleccionados das 2ª e 3ª partes. Ed. com Int. C.J. Arthur (New York: International Publishers, 1973) p. 27.

¹¹ *Ibid.*

A intenção é desmascarar e desacreditar a luta filosófica com as sombras da realidade, que apela para a sonhadora e confusa nação alemã.¹²

A sua metodologia é, em si mesma, contrária à seguida pelos "ideólogos germânicos":

Em contraste directo com a filosofia alemã que desce do céu à terra, nós ascendemos da terra ao céu. O mesmo é dizer que nós não nos inspiramos no que os homens dizem, imaginam, concebem, nem nos homens enquanto narrados, pensados, imaginados, concebidos — para podermos chegar ao homem de carne e osso. Nós partimos dos homens reais e activos e, na base do seu real processo de vida, demonstramos o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e ecos deste processo. Os fantasmas formados no cérebro humano são também, necessariamente, sublimações dos seu processo de existência material, facto que é empiricamente verificável e confinado a premissas materiais. Moralidade, religião, metafísica, todo o resto de ideologia e suas formas correspondentes de consciência já não detêm, por consequência, a aparência de desenvolverem a sua produção material e o seu relacionamento material, alteram o pensamento e os produtos do pensamento e, juntamente com isso, a sua existência real. A vida não é determinada pela consciência, mas a consciência é determinada pela vida. No primeiro método de abordagem, o ponto de partida é a consciência tomada como o indivíduo vivo; no segundo método, em conformidade com a vida real, o ponto de partida é os próprios indivíduos e a consciência é considerada unicamente como a consciência deles.¹³

A sua metodologia reflecte a verificação antecipada de uma hipótese:

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*, p. 47

Os homens são os produtores das suas concepções, ideias, etc. — homens reais, activos, tal como são condicionados por um desenvolvimento definido das suas forças produtivas e do intercâmbio correspondente às suas formas ulteriores. A consciência nunca poderá ser nada além de existência consciente, e a existência dos homens é o seu autêntico processo de vida. Se em toda a ideologia os homens e as circunstâncias respectivas aparecem em imagem invertida, como numa "câmara escura", este fenómeno deriva tanto do seu processo histórico de vida, como a inversão dos objectos na retina deriva do seu processo físico de vida.¹⁴

O "charlatanismo filosófico" e a "estreiteza paroquial" das "ilusões" do movimento jovem-Hegeliano são uma "mistificação".¹⁵

Os "ideólogos jovens-Hegelianos" nunca haviam pensado em "inquirir sobre os nexos da filosofia germânica com a realidade germânica, ou sobre a relação entre as suas críticas e os seus próprio condicionamentos materiais".¹⁶

O trabalho de Marx e Engels destina-se, conseqüentemente, a demonstrar como os homens se produzem historicamente a si mesmos, através do trabalho, e como as respectivas condições históricas geram a sua consciência. Segundo julgam, o que parece verdadeiro, à cerca do mundo das relações entre os homens e dos lugares que ocupam no universo, não é mais do que reflexo e produto das condições económicas e políticas no seio das quais os homens existem, funcionam e produzem o seu próprio modo de existência. "Encaradas separadamente da história real", essas "abstracções" ("essência humana", "homem") não têm em si mesmas qualquer valor. Só com esta abordagem poderão cessar os "discursos ociosos sobre consciência" e "tomar lugar o verdadeiro conhecimento."¹⁷

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Id.*, p. 40

¹⁶ *Id.*, p. 41

¹⁷ *Id.*, p. 48

Ocasionalmente, quando acrescentam factos históricos como prova das suas teses fundamentais, Marx e Engels reiteram estas críticas à metodologia, pressupostos e extrapolações dos ideólogos alemães. Mais algumas citações ilustrarão o que eles pretendem significar por "ideologia":

Os ideólogos germânicos separam a consciência de certas esferas, historicamente condicionadas, dessas mesmas esferas, e avaliam-nas em termos de verdadeiro, absoluto, isto é, em termos do conhecimento filosófico germânico. Com perfeita coerência, eles transformam as relações dos indivíduos particulares em relações do "Homem"; interpretam os pensamentos desses indivíduos particulares, respeitantes às suas próprias relações, como pensamentos à cerca do 'Homem'. Fazendo isso, abandonaram o domínio da História para regressar ao da ideologia e, ignorando o verdadeiro nexos, podem, sem nenhuma dificuldade, fabricar qualquer relação fantástica, com a ajuda do "absoluto" ou de algum outro método ideológico.¹⁸

Ao discutirem a relação entre filosofia (i.e. entre a "filosofia alemã") e a realidade, Marx-Engels repetem, em termos bastantes expressivos, a sua chamada de atenção para o que poderia designar-se por ciência social positivista:

Temos que "pôr de lado a filosofia"... Temos que sair dela e devotarmo-nos, como o homem comum, ao estudo da realidade, para o que existe também uma enorme quantidade de material literário, desconhecido é claro desses filósofos... A filosofia está para o estudo do mundo real como a masturbação para o amor sexual.¹⁹

Declarando terem já demonstrado que pensamentos e ideias adquirem uma existência independente, em consequência de circuns-

¹⁸ *Id.*, p. 119

¹⁹ *Id.*, p. 103

tâncias pessoais e de relações entre indivíduos que têm igualmente uma existência independente, Marx-Engels enfatizam a divisão do trabalho como a causa de "fantasias" ideológicas, e esclarecem ainda melhor o que dizem estar errado com os "ideólogos":

Nós demonstrámos que a exclusiva, sistemática ocupação com esses pensamentos, por parte dos ideólogos e filósofos, e portanto a sistematização de tais pensamentos, é uma consequência da divisão do trabalho, e que a filosofia germânica em particular é uma consequência das condições pequeno-burguesas na Alemanha. Os filósofos teriam só que transformar a sua linguagem na linguagem comum do mundo real, e compreender que nem os pensamentos nem a linguagem em si mesmos constituem realidades autónomas, são apenas manifestações da vida real."²⁰

As *Teses sobre Feuerbach*, de Marx, oferecem-nos uma visão que vai ainda mais longe:

VI - Feuerbach transforma a essência religiosa em essência "humana". Mas a essência humana não é uma abstracção inerente a cada indivíduo singular. Na sua realidade é o conjunto das relações sociais...

VIII - Toda a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem a teoria ao misticismo encontram a sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática.²¹

Parece portanto que a falsa representação da realidade é a característica básica da ideologia. Além disso, uma tal representação falseada é resultado do modo de produção e trocas. Nas palavras de Henri Lefebvre:

²⁰ *Id.*, p. 118
²¹ *Id.*, p. 122

toda a ideologia é então uma colecção de ilusões, mistificações, erros que podem ser justificados pela referência à realidade histórica que distorcem e transpõem.²²

Em termos de uma teoria de correspondência da verdade, dir-se-ia que o discurso sobre relações sociais e sobre o homem só é ideológico se incluir declarações que não correspondem à realidade. Por "realidade" entende-se aqui os "estados das coisas" dos empiristas ou positivistas. As interacções humanas são descritíveis por afirmações verificáveis. Através da História, as descrições "filosóficas" não têm correspondido aos factos. Testadas, essas descrições falham. Além disso, das discrepâncias entre factos e discurso ideológico emerge um padrão: as distorções estão intimamente ligadas à situação histórica do(s) produtor(es) desse discurso. Esta descoberta confirma a justeza das anteriores críticas e explica-as. Com efeito, se a percepção exprime efectivamente o meio-ambiente do sujeito da percepção, a descrição desse meio será distorcida.

Estas paráfrases dos textos de Marx soam, na verdade, a algo muito semelhante à linguagem dos cientistas da natureza, e à daqueles que advogam a abordagem própria das ciências naturais como modelo das ciências sociais.

Segundo a interpretação que Hans Bath faz de Marx,

a filosofia da história da sociedade não consente um conhecimento seguro das forças motrizes e das verdadeiras causas da evolução histórica. As suas asserções, tal como as provenientes da religião, carecem de conteúdo verdadeiro. Por outras palavras, a consciência do homem durante todo o período da "pré-história" é ideológica e falsa, no sentido em que toma a aparência das coisas pela sua realidade. A atitude do homem é não-científica *par excellence*, porque "a ciência consiste em reduzir o movimento visível e aparente ao movimento interior e real".²³

²² H. Lefebvre, *Op. cit.*, p. 64.

²³ Hans Barth, *Truth and Ideology*. Trad. Frederic Lilge. Introd. Reinhard Bendix (Berkeley, Ca: Univ. of California Press, 1976), p. 102.

Para explicar a sua citação extraída de *O Capital*, Barth escreve:

A consciência ideológica não é suficientemente exacta para estabelecer esta distinção. Carece de conceitos como falso e verdadeiro, e o que designa por conhecimento não tem, a partir daí, qualquer relação com o próprio objecto: a realidade histórico-social permanece oculta e escapa à sua compreensão.²⁴

É manifesto na crítica de Marx aos cientistas sociais alemães, ingleses e franceses — (ainda não referidos como "cientistas") — que existe uma (in?)consciente presença do observador, da sua perspectiva e interesses, na sua descrição da realidade social. Além disso, é implicado que uma total objectividade ainda não tinha por isso sido atingida pelos "cientistas sociais", embora pudesse e devesse sê-lo, tanto como nas ciências naturais. Alvin Gouldner descreve o paradigma latente na crítica de Marx à ideologia: "[um] sistema de crenças com injustificadas pretensões de cientificidade"²⁵

E prossegue, afirmando:

Isto resolve um problema. Explica por que motivo Marx não condena a mecânica de Newton, nem a poesia romântica, ... nomeadamente como "ideologia".

Está pois implícito no conceito marxista de ideologia um entendimento do modo muito especial como ciência e ideologia estavam mutuamente implicadas. Para Marx, especificamente, ideologia era uma ciência falhada, não uma ciência autêntica...

²⁴ *Ibid.*

²⁵ Alvin Gouldner, *The Dialectic of Ideology and Technology. The Origins, Grammar and Future of Ideology* New York: Seabury Press, 1976) p. 8.

Por conseguinte toda a noção de ideologia, como Marx a concebia, era muito crucialmente uma crítica às pretensões científicas da nova ciência social.²⁶

Marx considera que objectividade corresponde inversamente a ideologia. Adam Smith e Jeremy Bentham tornaram-se progressivamente ideológicos nos seus textos. Por outro lado, Malthus foi sempre totalmente ideológico. Daí a distinção de Marx entre economia política "clássica" e "vulgar", sendo a primeira considerada mais científica.²⁷ A exclusão de distorção ideológica nas ciências sociais deve provir da emulação com as ciências naturais, que Marx aceita inquestionavelmente como científicas (embora a biologia de Darwin fosse por aquele acusada de ser minada pela ideologia política de Hobbes).²⁸

Uma última citação irá reforçar esta leitura. Sem explicitamente mencionar ideologia, Marx criticou a distorção da economia política existente, cujas descobertas são apresentadas sob a aparência de uma

²⁶ *Id.* pp. 8-9. Pelo contexto da citação, poderíamos perguntar-nos se Gouldner não teria enfatizado demasiado a consciência, por parte de Marx, de estabelecer nitidamente essa dicotomia entre ciência e ideologia, tendo em conta que o conceito de ciência em Gouldner parece muito próximo do de Max Weber. Parafraseando Marx, Gouldner exprimiou-se num linguagem (e numa perspectiva) posterior a Marx, obviamente, mas também reflectindo um paradigma que não era de Marx. A linguagem de H.B. Acton estará talvez mais perto das formulações de Marx: "Existe, segundo Marx e Engels, um sistema de ideias (a representação de um 'processo prático de desenvolvimento') sobre o homem, as suas religiões e sociedades, que não é ilusório, que não é ideológico. Este sistema de ideias é uma ciência positiva do homem e da sociedade, uma ciência baseada na observação dos seres humanos, tal como são realmente perante as suas preocupações quotidianas. Assim, a ciência positiva do homem em sociedade é posta em contraste com os 'reflexos ideológicos'". *The Illusion of the Epoch. Marxism-Leninism as a Philosophical Creed* (Londres: Cohen & West, 1955), p. 128.

²⁷ John McMurtry, *The Structure of Marx's World-View* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1978), p. 125.

²⁸ McMurtry salienta que "frequentemente, um corpo da ciência natural é ao mesmo tempo produtivo e ideológico. A biologia de Darwin, por exemplo, é essencialmente produtiva, formulando ideias e leis de incomensurável utilidade tecnológica, entre outras coisas a criação de plantas e animais. Mas a biologia de Darwin é também ideológica, na medida em que articula pretensões que não são tão utilitárias, pelo contrário, não passam de conhecidos mas disfarçados conceitos de questões humanas." (*Op. cit.*, p. 126).

configuração completa das relações económicas... nas concepções em que os portadores e agentes destas relações tentam ganhar esclarecimento sobre elas é muito diferente, e é de facto errada e oposta à sua forma interna e essencial, mas velada e fundamental [Kerngestalt], e à sua forma correspondente.²⁹

Isto parece tão claro a Lefebvre que ele vê o marxismo como pondo fim à ideologia:

Enquanto a névoa que rodeia os fenómenos naturais se está dissipando, o mistério (a opacidade) da vida social continua a ganhar maior espessura. Enquanto o crescente controlo humano da natureza... torna possível a elaboração de conceitos não-ideológicos sobre ela, as acções das classes dominantes lançam um véu de obscuridade sobre a vida social... As representações ilusórias devem agora ceder lugar ao conhecimento. A práxis revolucionária, e o marxismo *qua* conhecimento afastam de si as ideologias. Segundo Marx, o marxismo foi além da ideologia, assinala e acelera o fim da ideologia.³⁰

Os críticos e intérpretes de Marx estão de acordo em relação ao sentido pejorativo prevalecente nos usos por Marx do termo "ideologia".

Contudo, a caracterização de "ideologia" nos textos de Marx não é assim tão simples. Embora muitos tomem o significado referido como o único defensável, vários autores rejeitam-no por simplista, e afirmam que uma tal interpretação apreende apenas um dos dois sentidos principais em que Marx usa o termo.

Drucker, por exemplo — acusando os sucessores de Marx de terem "falhado" na avaliação do que Marx fez com a palavra que "foi consideravelmente mais complexo do que aparentemente eles obser-

29 Citado em Seliger, *Op. cit.*, p. 36
30 H. Lefebvre, *Op. Cit.* p. 86

varam" — refuta a interpretação nominalista dos comentadores de Marx, considerando que este "não estava meramente a atribuir um nome a um objecto".³¹

Drucker tenta pois demonstrar que o conceito de ideologia aponta para uma relação bastante complexa que até então não fora detectada. Ele afirma que quando Marx se refere a ideologia é claro que "usa a palavra em dois sentidos historicamente diferenciados." Quando se refere ao "pensamento característico de uma classe ascendente" — em particular o dos burgueses, "antes de terem atingido o poder" — está a falar de algo muito diferente do pensamento característico de uma classe dominante, especificamente, o dos burgueses depois de estarem no poder. Segundo Drucker, Marx usa a mesma palavra "ideologia" referida a ambos os tipos de pensamento, para desse modo salientar que, apesar das diferenças, têm muito em comum, isto é:

são ambos produto de uma classe em particular (por oposição à humanidade em geral); ambos os tipos de pensamento, por diferentes que sejam no conteúdo, guiam e defendem essa determinada classe; e, acima de tudo, ambos são errados.³²

Drucker não adianta muito ao que já antes fora afirmado, mas acrescenta:

Colocando a questão tão concisamente quanto de acordo com a verdade, podemos exprimir assim o pensamento de Marx:

Os que hoje ditam leis são os "parvenus" de ontem; podem muito bem passar a ser amanhã "os que já foram". As suas necessidades de hoje são diferentes das de amanhã. Uma das necessidades de qualquer classe é uma teoria que a oriente no seu mundo e lhe prescreva as suas futuras

31 H. M. Drucker, "Marx's Concept of Ideology". *Philosophy* 47 (1972) p. 152.
32 *Id.*, 154

tarefas. Essa teoria terá de ser alterada, de acordo com as necessidades da classe que também variam radicalmente.³³

Continua, explicando que os teóricos, que teorizam acerca de uma classe, procuram "uma base factual ou científica" para os seus pontos de vista, mas podem não o fazer de forma honesta. Cita as críticas de Marx dirigidas a Mill e a Bentham, onde em diferentes momentos Marx os rotulou de "não-científicos" ou meramente "ideológicos", "teóricos burgueses" ou "apologistas". Drucker cita uma passagem de *A ideologia alemã*, que considera reveladora de uma mudança na avaliação marxista das teorias de Bentham, as quais passaram de "não-científicas", a "apologéticas":

O conteúdo económico transformou gradualmente a teoria utilitarista em mera apologia do actual estado de coisas, uma tentativa para provar que, nas condições existentes, as relações mútuas entre as pessoas são hoje as mais vantajosas e geralmente úteis. Tem esse carácter em todas os economistas modernos.³⁴

Drucker parece fazer uma distinção entre o carácter consciente e inconsciente, ou talvez intencional e não intencional, do discurso ideológico, sendo o primeiro desonesto (porque claramente apologético) e o último honesto, porque resulta da "cegueira" criada pela situação histórica do teórico.

De que modo esta distinção afectaria a interpretação geralmente aceite, do já referido conceito de ideologia em Marx? Porque Drucker reconhece que "depois de cuidadosamente separar os períodos honestos dos apologéticos no pensamento burguês [Marx] apelidados, sempre, de "ideologia burguesa".³⁵ Mas explica este procedimento e considera deliberada a distinção estabelecida por Marx.

³³ *Ibid.*

³⁴ Citado em Drucker, *Op. Cit.*, p. 156.

³⁵ *Id.*, p. 157

Após três parágrafos de prosa bastante confusa,³⁶ ele tenta mostrar que:

entre os erros teóricos do pensamento burguês e o seu insucesso prático há uma ligação muito clara. Tanto na teoria como na prática, os burgueses estão errados. A fraqueza teórica está ligada ao insucesso prático do pensamento burguês. Uma parte importante da percepção que Marx teve da realidade social do seu tempo é a sua percepção deste nexo. Marx sugere a importância daquela relação descrevendo as duas vertentes do pensamento burguês com a mesma palavra — "ideologia". Ele não teria sido fiel à sua harmonia entre teoria e prática se tivesse usado duas palavras diferentes, como fez Mannheim... Toda a teoria precedente é considerada ideológica, precisamente porque as ideias de Marx apontam para o procedimento correcto para o proletariado e são, nesse aspecto, opostas a tudo o que as precede, e que funcionou contra os verdadeiros interesses desta classe.³⁷

Isto parece uma tentativa para justificar o duplo padrão de Marx, defendendo, por um lado, a ciência liberta de ideologia, contra os teóricos influenciados por interesses de classe, e - por outro lado, tomando o partido de uma classe em particular, o proletariado. A "justificação" de Drucker soa como uma apologia da ideia de que Marx não podia senão involuntariamente usar de ambiguidade.

³⁶ Drucker escreve: "Até muito recentemente o termo 'ideologia' era quase sempre usado pejorativamente... 'ideologia' era muitas vezes oposta a 'ciência', sendo 'ciência' uma palavra ovacionada, de aprovação implícita. Hoje uma ciência é um conjunto de teorias com alguns factos provados, confirmados de forma mais ou menos completa (só para simplificar um pouco), portanto se um pensador estabelecesse um paralelo entre ideologia e ciência implicaria que a ideologia seria também um conjunto de teorias. Quando o termo 'ideologia' é usado dessa maneira, a implicação é: aquilo de que se fala é uma teoria incorrecta ou desacreditada". (pp. 157-8).

³⁷ *Id.* p. 158.

Uma distinção semelhante, entre ideologia apologética e não apologética, é feita por Stevenson.³⁸ Ele dá a seguinte "definição simples e mínima" do conceito marxista de ideologia:

Uma ideologia é uma estrutura intelectual que de facto serve os interesses de uma classe na sociedade, mas pretende servir os interesses da sociedade no seu todo.³⁹

Stevenson nota que vários pontos decorrem desta definição. Acentua que "a pretensão de servir os interesses da sociedade no seu todo não é necessariamente fraudulenta", e que existe uma diferença entre ideologia e "descarada apologia," tal como há diferença entre "ideólogos e apologistas mercenários". O cerne da sua explicação reside no seguinte:

O ideólogo dá expressão às materiais relações de produção sob uma forma idealizada, enquanto o mercenário exprime um interesse material imediato...

O mercenário... é talvez um hipócrita consciente. Mas o ideólogo, seja ele o que for, não é um hipócrita deliberado.⁴⁰

Stevenson é muito mais explícito quando exprime um ponto de vista análogo ao de Drucker. Pretende que "ideologia e ciência não são necessariamente incompatíveis, dado que nem sempre há conflito entre a expressão de interesses de classe e a representação da verdade objectiva."⁴¹ Actualmente, por exemplo, o marxismo é simultaneamente uma ciência e uma ideologia proletária, e não há conflito porque "o ideólogo não é neutro"⁴². Porque nem toda a ideologia é "compatível com o avanço científico", Stevenson acha "necessário

38 John Stevenson, "Marx's Theory of Ideology", *Radical Philosopher's Newsjournal*, 9 (1977), pp. 14-34.

39 *Id.*, p. 14.

40 *Id.*, p. 17.

41 *Id.*, p. 15.

42 *Id.*, p. 17.

compreender a relação entre teoria e prática"⁴³. A economia política não pode "transformar-se em ciência" enquanto permanecer como elemento da ideologia burguesa. "Só poderia tornar-se ciência tornando-se parte da ideologia proletária". Com efeito, só quando "a teoria for parte da prática social revolucionária (como era para Marx) a economia política poderá realmente tornar-se ciência".⁴⁴ Stevenson conclui assim que "a teoria incorporada na prática revolucionária é simultaneamente ciência e ideologia proletária".⁴⁵

De facto este autor parece elucidar Drucker; na verdade ambos fazem luz, reciprocamente, sobre as afirmações respectivas.⁴⁶ Este parece portanto o momento adequado para fazermos aqui algumas observações:

Stevenson cita uma passagem de *Teses sobre Feuerbach*, onde Marx diz que "a questão da verdade objectiva poder ou não ser atribuída ao pensamento humano, não é uma questão de teoria mas uma questão prática... Toda a vida social é essencialmente prática..."⁴⁷ Se inferirmos de passagens como esta que a ciência em Marx significa o que pretende Stevenson, é difícil harmonizar tal ideia com as várias passagens supra-citadas que soam mais "positivistas". Poder-se-á contra-argumentar que a noção marxista de ciência, apresentada por Stevenson, provém das últimas obras de Marx, como *O Capital*. Em todo o caso, não vou desviar-me para a investigação de quaisquer alterações de sentido nos textos de Marx⁴⁸, excepto para afirmar que a única forma de harmonizar um significado posterior da palavra com outro anterior e diferente, parece ser enfatizarmos a noção de que diferem entre si quanto ao sentido. Talvez Marx, num primeiro momento, tenha encarado os critérios da ciência como objectivamente baseados em factos sólidos, ao passo que, num

43 *Id.*, p. 18.

44 *Id.*, p. 19

45 *Id.*, p. 20

46 As 44 notas de Stevenson não incluem todavia qualquer referência ao papel de Drucker, e não há nenhuma indicação de que dele tivesse conhecimento.

47 Segundo tese sobre Feuerbach, incluída na edição de C. J. Arthur de *The German Ideology Op. Cit.*, p. 121

48 No capítulo V, ao discutir o conceito de ideologia em Althusser, terei naturalmente de abordar o problema, já que é parte integral da visão de Althusser.

momento posterior, teria implicitamente reconhecido ser isso impossível. Tendo compreendido que a ciência não é uma operação abstracta, mas antes prática, onde é preciso fazer opções e adoptar-se um ponto de vista, Marx escolhe então o ponto de vista do proletariado. É nessa base que constrói a sua ciência positivista.

Quanto a ideologia, parece apresentar um problema semelhante. Stevenson escreve:

É verdade, como é óbvio, que a teoria de Marx sobre ideologia é apenas superficialmente esboçada nas suas primeiras obras. *A Ideologia Alemã* não apresenta uma análise científica, como a que é feita em *O Capital*. Mas não há conflito ou contradição entre as duas obras, em relação a esta matéria.⁴⁹

Pode pois dizer-se que em *O Capital* Marx aperfeiçoou pontos de vista expressos em obras anteriores, como *A Ideologia Alemã*. Isso não oferece dúvida. A análise amadurecida do sistema capitalista é naturalmente mais profunda do que nos textos do "jovem Marx." Se Marx alterou ou não o seu conceito de ciência, isso não será discutido aqui.

Contudo, no que respeita à "ideologia" parece claro que Marx apenas continua a sua análise crítica dos economistas-políticos burgueses. Se há algo de novo, é o facto de se mostrar mais forte e mais radical na sua crítica. *O Capital* procura atingir a raiz do mecanismo das relações sócio-económicas, à maneira das ciências naturais, i.e. com uma comparável procura de objectividade. A abordagem de Marx difere dos clássicos economistas-políticos simplesmente porque ele pretende explicar "o que realmente aconteceu" melhor do que faziam os cientistas burgueses.

Se assim é, Stevenson tem com certeza razão ao dizer que "não há nenhum conflito" entre o conceito de ideologia em *A Ideologia Alemã* e em *O Capital*, e que o último aperfeiçoa o primeiro, tanto

49 *Op. cit.*, p. 26.

mais que a ideia geral de ideologia acima referida foi mantida por Marx mesmo nas suas últimas obras.

Aparentemente, Marx não usa a palavra "ideologia" em *O Capital*. Por conseguinte, eu nem deveria talvez ter em conta essa obra, dado que procuro justamente o significado da palavra tal como é utilizada. Não é necessário especular sobre a razão por que Marx a abandonou. Em vez disso, basta-nos reiterar que as críticas em *O Capital* estão, no que concerna as "ciências sociais burguesas", fundamentalmente de acordo com a perspectiva apresentada em *A Ideologia Alemã*.

O mesmo não se pode dizer de certas passagens programáticas e de outras obras de Marx. Esta interpretação pode ser abandonada por não-ortodoxa, porque divide o que Marx tentou unir — teoria e prática — mas, ainda assim, é possível distinguir as passagens explanatórias das programáticas, na obra de Marx. Quando se dirige aos proletários do mundo (no *Manifesto do Partido Comunista*, por exemplo) o estilo é naturalmente diferente. A ciência marxista está então, nas palavras de Stevenson, "serv[indo] os interesses da classe trabalhadora"⁵⁰ e, por isso, opondo-se à ciência burguesa que serve os interesses da classe dominante. Um marxista coerente apelidaria de "ideológicas" algumas declarações de *O Manifesto*, expressão de uma ideologia proletária num dos sentidos destacados por Drucker e Stevenson, i.e., o sentido "progressista" de "ideologia" como uma "força" impulsionadora da "mudança histórica"⁵¹. Só que agora o caso é inverso. Efectivamente, a "ideologia não-fraudulenta", "não-hipócrita", era assim designada porque os seus proponentes desconheciam o seu papel. O ideólogo proletário conhece-o. Por isso, o "desconhecimento" não deveria incluir-se na distinção entre duas espécies de ideologia. Só um elemento se mantém, e com toda a coerência, o apologetico, já que o proletariado propõe a mudança e não a defesa do *status quo*. Todavia, parece mesmo constituir uma actividade pelo menos parcialmente ideológica, considerada de uma perspectiva não-proletária. Terá Marx visto o seu programa como

50 *Id.*, p. 25.

51 *Id.*, p. 15

"ideológico"? Aparentemente não. Seliger examinou os textos de Marx, e em lado nenhum encontrou a etiqueta "ideologia" no seu programa para o proletariado. Marx continuou aperfeiçoando a sua metodologia e compreensão do materialismo histórico. Aliás, nos últimos textos, parece usar raramente a palavra. Certamente que a não usa nos textos programáticos. A observação minuciosa do *Manifesto do Partido Comunista* mostra como está longe do espírito de Marx e Engels considerarem ideológico o seu programa. Continuam utilizando expressões como "concepção egoísta" para referirem a "transformação das formas sociais, derivando do presente modo de produção" em "leis eternas da natureza e da razão",⁵² e defendem o comunismo dos ataques feitos de um ponto de vista religioso, filosófico e, geralmente, ideológico⁵³. Ao insistirem na "mais radical ruptura com as ideias tradicionais," que a revolução comunista implica, deixam perfeitamente claro que não são novos "ideólogos":

... o comunismo abole as eternas verdades, abole toda a religião, toda a moralidade, em vez de instituí-las sobre novas premissas actua por consequência em contradição com toda a experiência histórica passada.⁵⁴

É fácil entender o motivo por que Marx prefere não usar expressões como "ideologia proletária". A distinção estabelecida por Drucker e Stevenson não ajuda a mostrar que não existe contradição, já que em ambos os casos (fraudulento e não-fraudulento) Marx atribui uma conotação pejorativa ao termo "ideologia". Aliás, tendo declarado que a ciência deveria servir o proletariado e, mesmo assim, conservar-se positivista⁵⁵, Marx teria considerado as suas afirmações

52 Karl Marx and Frederick Engels, *Basic Writings on Politics and Philosophy*. Ed. Lewis S. Feuer (Garden City, N.J.: Doubleday & Co. 1959), p. 24.

53 *Id.*, p. 26.

54 *Id.*, p. 27.

55 "A visão marxista da ideologia burguesa poderia com efeito ser caracterizada como 'positivista' ou, pelo menos, como contendo uma larga dose de positivismo, na medida em que pressupõe uma nítida e intransponível linha divisória entre ideias e convicções inerentes a uma falsa consciência, e outras abrangendo uma [consciência] verdadeira." R. N. Berki. "The Marxian Concept of Bourgeois Ideology: Some Aspects and Perspectives" Robert Benewick, R.N. Berki, e Bhikhu Parekh, eds. *Knowledge and Belief in Politics -- The Problem of Ideology* (Londres: George Allen & Unwin Ltd., 1973), p. 89.

científicas e não ideológicas, apesar de servirem o proletariado, uma vez que esse "serviço" estava implícito na sua concepção de ciência.

Marx tentou ser coerente; e, apesar do processo de maturação do seu pensamento, manteve-se razoavelmente consistente dentro de cada estágio principal da sua evolução. Não poderia no entanto rotular a consciência proletária de "ideológica".

Por isso também, e como já se fez notar, Marx pode nunca ter usado a expressão "falsa consciência", uma locução que parece característica do que ele próprio criticou nos ideólogos alemães. Se a consciência destes era de facto falsa e, por isso, "ideológica", ele não podia logicamente equacionar "consciência verdadeira" (ou "consciência" apenas) com ideologia, já que é precisamente o carácter de falsidade que faz o conhecimento degenerar em "ideologia". A solução pode ser encontrada nos textos. Seliger demonstra que Marx não atribuiu a "ideologia" uma definição uniforme. Afirma que usou o termo ideologia permutando-o com *Idéologie, Ideen, Anschauungen* e *Doctrinen*, e que não ocupou lugar central na sua obra. Seliger não evita uma linguagem directa e audaz:

Mas de novo ele e Engels fizeram afirmações categóricas que em princípio identificaram estes, e outros termos semelhantes, com pensamento deturpado, porque todo o pensamento socialmente relevante foi dependente de condições políticas e sociais. Se de facto Marx estabeleceu uma distinção entre pensamento falseado e pensamento condicionado por uma classe e um tempo, mas reflectindo fielmente a realidade, não o fez com clareza nem consistência, como Max Weber haveria de fazer.⁵⁶

A tese fundamental de Seliger é que esses possíveis "desvios do pensamento positivista combativo" não são suficientemente importantes para gerarem "conflito interno num único ponto".⁵⁷

56 *Op. cit.*, p. 56

57 *Id.*, p. 27. Seliger parece não admitir a possibilidade de distinção consciente por parte de Marx, entre tipos de ideologia, "ingénua" e "apologética". Opondo-se à intencionalidade que Drucker pretendeu ver em tal distinção, Seliger insiste em negar o conhecimento da dupla utilização da palavra, e atribui a diferença à falta de propriedade terminológica. De uma maneira ou doutra (aceitando a negação de Seliger de uma intenção em Marx e/ou

Examinando as obras onde Marx e Engels lidam com tópicos relacionados com esse (e.g. *A Sagrada Família, A Pobreza da Filosofia, Manifesto, Crítica da Economia Política*), Seliger vê Marx e Engels apenas reforçando a "crença na objectividade da sua 'ciência positiva'".⁵⁸

Contra Drucker e outros que mantêm que Marx-Engels usaram a palavra "ideologia" em diferentes sentidos, Seliger argumenta:

Em vez de sustentarem diferentes perspectivas da questão em diferentes momentos, como frequentemente se diz, eles sustentaram a mesma diversidade de pontos de vista em todos os momentos — e isso revela a sua impossibilidade de tratar este tópico de modo sistemático.⁵⁹

Muitos comentadores cometeram dois graves erros: primeiro, ao contrário de Seliger, não recorreram às fontes originais. Lidando com várias obras, que raramente se incomodaram a citar, ou mencionar sequer, utilizam referências não verificadas, muitas vezes paguadas, e que podem ser "marxistas" só em sentido lato, quer provenham ou não de Marx. Por isso chegam naturalmente a conclusões contraditórias. Tentando desafiar estas contradições, omitem novamente a verificação das fontes primeiras e caem no segundo erro: recusam admitir que Marx possa estar errado. Não podem questionar os textos de Marx, mas apenas tentar compreendê-los melhor. Portanto, qualquer aparente contradição só pode ter sido

aceitando igualmente a dupla utilização por Marx) a minha conclusão é coerente com a recusa de aceitar os nexos que Drucker e Stevenson quiseram estabelecer. Neste ponto eu faria notar que outras dualidades têm sido propostas, no que concerne o emprego da palavra "ideologia" por Marx. Assim, por exemplo, N. Abercrombie e B.S. Turner propõem os dois sentidos seguintes, potencialmente em conflito: "o primeiro sugere que cada classe forma o seu próprio sistema de crenças em função dos seus próprios interesses, os quais basicamente variam consoante os das outras classes. O segundo sugere que todas as classes partilham o sistema de convicções imposto pela classe dominante." "The Dominant Ideology Thesis", *The British Journal of Sociology*, 29 (1978), p. 149. Não são todavia esboçadas [outras] inferências, e as questões focadas por Abercrombie e Turner são de natureza diferente da abordada aqui. No entanto, as suas "teorias duplas de ideologia" são mencionadas por também evidenciarem, pelo menos dentro dos limites aqui propostos, a indeterminação do sentido da palavra em Marx, e a relativa incerteza no seu emprego.

⁵⁸ *Op. cit.*, p. 40.

⁵⁹ *Id.*, p. 31. Seliger menciona uma carta de Engels a Nehring, onde aquele confessa "que Marx [e ele próprio] negligenci[aram] o lado formal da teoria da ideologia" (p. 42)

intencional e deve, de alguma maneira, demonstrar-se como é apenas aparente; o que Marx realmente quer dizer tem de ser mais profundo do que parece. Esta atitude hermenêutica de reverência, perante o "Evangelho segundo Marx," é alargada a textos menos sagrados. Assim, esses comentadores, em vez de admitirem obscuridades em textos paralelos (tavez simplesmente por falta de sistematização), esforçam-se dolorosamente por explicar mesmo as menores discrepâncias.

Mas se Marx não usou a expressão "ideologia proletária"⁶⁰, e não considerou os seus textos programáticos nem a sua "ciência proletária" como ideológicos, eu justifiquei a minha conclusão: o significado que Marx atribuiu ao termo "ideologia" não se alterou após esta excursão pelo trabalho interpretativo de alguns dos seus comentaristas. Nos textos de Marx, "ideologia" refere falsas convicções acerca da realidade social. Daí que, para ele, a sua ciência sendo verdadeira, não seja uma ideologia, embora possa servir os interesses do proletariado. O que não fica claro é se o emprego do termo por Marx cobre ao mesmo tempo as "ideologias ingénuas" (isto é, aquelas concepções sobre a realidade social que, embora de facto falsas, são tidas como verdadeiras com base em provas convincentes para os próprios — as que chamaríamos falsas crenças, embora justificadas) e as "ideologias apologéticas" (isto é, as concepções sobre a realidade social que, embora os seus propagadores saibam falsas, são difundidas porque servem certos interesses de classe). Marx não foi coerente nos seus textos relativamente a esta distinção. Por isso julgamo-nos no direito de concluir que, para ele, "ideologia" conota mentiras políticas ou propaganda desonestamente mascarada de ciência

⁶⁰ A atribuição a Marx da expressão "ideologia proletária" é muito generalizada. A citação de Georges Gurvitch, que a seguir se transcreve, surge num contexto onde não são feitas referências aos textos de Marx: "Quanto ao próprio Marx, a saída mais simples deste labirinto de significados do termo "ideologia" apresentara-se-lhe sob a forma de pressuposto de que a ideologia proletária é incomparável a todas as outras. É uma ideologia privilegiada, por ser chamada a transformar o mundo e a pôr fim à existência de classes e, por consequência, das próprias ideologias... A ideologia proletária, se não for falseada, representa pois para Marx uma transcendência de todas as ideologias". *Op. cit.*, p. 56. Embora seja acertado o que Gurvitch diz acerca do que Marx sente sobre o marxismo, as suas afirmações são erradamente postas numa linguagem e perspectiva que Marx teria rejeitado.

social, e, algumas vezes, conota doutrinas de ciência social plausíveis mas erradas. Em ambos os casos o carácter de falsidade é elemento comum.

Como nasceram então as teorias sobre a dualidade do conceito de ideologia em Marx?

A resposta ultrapassaria o objectivo deste estudo. Para reforçar a minha conclusão, farei, porém, algumas observações que julgo pertinentes.

Lenine, mais preocupado do que Marx com o programa marxista, ou com estratégias políticas para a revolução, atribuiu a "ideologia" um sentido diferente, mais positivo, e quase abandona o tom pejorativo característico de Marx. Embora Lenine tenha usado anteriormente a palavra, é *O Que É Preciso Fazer?* que contém mais utilizações dela com este novo sentido positivo.

Aprovando a citação em que Kaustsky se refere à "consciência socialista", Lenine escreve:

Considerando que não se pode falar de uma ideologia independente, formulada pelas próprias massas trabalhadoras no processo do seu movimento, a única opção será entre ideologia burguesa e ideologia socialista. Não existe meio termo (porque a humanidade não criou uma "terceira" ideologia, e, aliás, numa sociedade dilacerada por antagonismos de classe não pode haver nunca uma ideologia sem classes ou acima das classes sociais). Daí que minimizar de algum modo a ideologia socialista, desviarmo-nos dela minimamente, significa dar força à ideologia burguesa.⁶¹

Lenine continua a usar a mesma distinção — "ideologia burguesa" vs. "ideologia socialista" — sem pôr em causa a viabilidade da palavra "ideologia" no segundo caso. Aparentemente, considera a teoria revolucionária em desenvolvimento como o aperfeiçoamento da ideologia socialista.

61 V.I. Lenine. *What Is To Be Done?* Trad. Joe Fineberg e George Hanna (Nova Iorque: International Publishers, 1972), p. 40.

Seliger assinala que Lenine não explica a mudança do significado da palavra, visto que nem sequer reconhece a alteração. Mas o importante é que Lenine, ao contrário de Marx, admite que o marxismo é uma ideologia.⁶²

Depois de Lenine e outros marxistas como Bernstein, Lukács colaborou na propagação do sentido "positivo", "não-pejorativo", da palavra. Talvez inadvertidamente, segundo Seliger, já que na maior parte dos casos Lukács exprime o que Marx e Engels quiseram aparentemente exprimir, até quando "ideologia" é usada no segundo sentido referido.⁶³ A ser assim, a minha explanação anterior aplicar-se-ia tanto a Lukács como a Marx. Lukács e Lenine, como marxistas, contribuíram ambos para a confusão, na pegada do próprio Marx.

Tradução de Leonor Simas-Almeida

62 Acerca do emprego por Lenine da palavra "ideologia," Daniel Bell escreveu que "Lenine, mais do que qualquer outro pensador ou 'leader', deu à política a sua estrutura totalitária, e tornou a ideologia sinónimo de crença total," "Ideology and Soviet Politics," *Slavic Review*, 24 (1965), p. 593. Ao comentar esta afirmação, Seliger salienta, com razão, que não foi esse o caso, já que Lenine usa a palavra em mais do que um sentido.

63 Não é necessário chegarmos às utilizações da palavra "ideologia" por Lukács. Ele empregou-a, inquestionavelmente, para descrever a consciência proletária, em passagens como a que se segue: "Quando se desenvolver a crise económica final do capitalismo, o destino da revolução (e com ela o destino da humanidade) dependerá da maturidade ideológica do proletariado, isto é, da sua consciência de classe." Georg Lukács, *History and Class Consciousness. Studies in Marxist Dialectics*, Trad. Rodnes Livingstone (Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1971) p. 70.